

em um período marcado por um regime político ditatorial, mas que traduzem o espírito das autoras no que diz respeito às questões sociais e culturais, mesmo de forma tímida e inicial. A antologia ganha em qualidade ao abranger o período que inicia em 1954 e se estende até 1961. O ápice da antologia está registrado nos poemas das autoras, que fazem parte da seção *Telas da terra*, especialmente nas vozes de Alda Lara, Alda de Espírito Santo e Noémia de Sousa. Na produção das três autoras ocorre uma cumplicidade de irmandade: a solidariedade. Alda de Espírito Santo investe no futuro promissor e libertário, com a esperança de conquistar seu lugar de pertença, não somente no âmbito individual, mas também no coletivo, no qual sempre conta com a união dos irmãos africanos. Na postura de uma poesia de cunho social e de protesto, Noémia de Sousa apresenta um discurso calcado na luta contra qualquer tipo de opressão, na qual mostra a sua indignação perante a indiferença e injustiças que ocorrem nas relações arbitrárias entre colonizado e colonizador.

As três autoras anunciam uma das temáticas constantes dessa poesia africana, que é a tomada de consciência dos povos africanos, mas com a firmeza de que a vitória somente poderá ser concretizada com a união e a solidariedade, sendo o primeiro passo a convocação e participação feminina através da escrita.

Rosilda Alves Bezerra

A PERSONAGEM FEMININA NOS CONTOS DE MIA COUTO

Maria Teresa Nobre Correia
Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2013

170 páginas, ISBN: 978-989-654-111-8

Em boa hora a Universidade da Beira Interior passou a editar as teses nela defendidas, dando assim a público parte significativa de sua produção científica e evidenciando uma das razões de ser da existência das universidades. Com *A Personagem Feminina nos Contos de Mia Couto*, de Maria Teresa Nobre Correia, essa instituição de nível superior fornece uma amostra do que vem fazendo no campo dos Estudos Culturais e das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

A admiração pelo autor moçambicano e a importância que vislumbra no papel das personagens femininas em seus contos motivaram a autora para o trabalho, cujo *corpus* delimita curiosamente na seção dedicada aos objetivos: *Vozes Anoitecidas; Estórias Abensonhadas; Cada Homem é uma Raça; Contos do Nascer da Terra; Na Berma do Nascer da Terra e Outros Contos; O Fio de Missangas*. O “caráter híbrido” da coletânea *Cronicando*, que inclui, segundo Teresa Correia, contos e crônicas, é a alegação para deixar de fora os textos dessa obra, o que é de estranhar, pois, mesmo em alguns dos livros selecionados, há essa dificuldade de classificação, que poderia ser resolvida com a designação narrativas curtas. O pró-

prio Mia, aliás, hesita entre contos e histórias, ao intitular seus livros, entre os quais alguns dos escolhidos para a investigação. E embora um capítulo do livro de Teresa tenha sido dedicado à conceituação de conto esse conhecimento não é transferido para a seleção por ela realizada.

A “Conclusão” do livro não explicita bem o alcance dos objetivos, talvez porque uns sejam objetivos pessoais da autora (“aprofundar nossos conhecimentos acerca dos modelos de concepção literária, na medida em que teremos de aprofundar conceitos-chaves, como “literatura”, “gênero narrativo”, “conto” e “personagem”), e outros muito difíceis de alcançar (“determinar os motivos, os modos e os objetivos implícitos na concepção das personagens femininas de Mia Couto, verificando o grau de realismo ou de fantasia dessas personagens”), principalmente quando o próprio escritor diz o que foi escolhido para epígrafe (sem menção completa à fonte) da “Introdução”: “Mas eu trato o facto verídico como se ele pudesse também ser da ordem ficcional. [...] Uma das mais belas funções da escrita é o convite a transgredir fronteiras. Algo se torna verdadeiro apenas porque o dizemos com sabor poético”.

É verdade que Maria Teresa Nobre Correia procura relacionar fatos do cotidiano de Moçambique e intervenções de Mia Couto em função dessas ocorrências, como é o caso da violência doméstica, referida no subcapítulo

“As esposas e as mães”, ou o da oratória, que surge ao tratar da personagem feminina e do universo cultural. Mas é verdade também que essa ligação entre a realidade de Moçambique, a do escritor e os textos estudados nem sempre é feita. Aliás, não sei mesmo se tal seria possível em todos os casos, mas, quando existe, deveria acontecer de maneira mais aprofundada.

Desse superficialismo, que dá ideia de assunto abordado apenas por obrigação, ressentido-se também o estudo dos diferentes tipos de personagem: a autora, depois de conceituar personagem tipo, personagem redonda e personagem plana e de tentar classificar por esse prisma as personagens coutianas, não chega a mostrar a importância que a preponderância ou não de tal ou qual contorno adquire na obra do escritor moçambicano.

Num trabalho que repete na seção VI (e mais uma vez sem a citação completa da fonte), a epígrafe da “Introdução”, em que Mia Couto fala da transgressão de fronteiras, seria de esperar uma discussão dos conceitos de realismo mágico, real maravilhoso, maravilhoso, fantástico e de suas relações com a metamorfose e o onírico, o que não acontece, bem como também não ocorrem comentários mais apurados quando se diz que uma dessas categorias pode ser observada nesta ou naquela narrativa.

Sem perceber a razão por que algumas obras – como por exemplo as de Sophia de Mello Breyner (de onde foi

extraído apenas um trecho para servir de epígrafe), Germano Almeida, Eça de Queirós, Trindade Coelho, Vergílio Ferreira, D. Francisco Manuel de Melo, Miguel Torga – figuram na Bibliografia Ativa, lamentamos que outras impropriedades (como o uso de “áurea” por aura), venham empanar a edição deste trabalho, onde se vê o entusiasmo de uma jovem investigadora.

Maria Aparecida Ribeiro

PETAR PETROV (2014). O PROJETO LITERÁRIO DE MIA COUTO.

Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

124 páginas ISBN 978-989-8577-24-5

A literatura do escritor moçambicano Mia Couto tem despertado muitas discussões e reflexões no campo da linguagem e da representação cultural. Os mundos formulados em suas obras constituem-se por muitos matizes culturais, reunidos e ordenados por uma lógica particularmente desenvolvida em sua prosa. Sua escrita referencia a existência de marcos orientadores, principalmente na figura de autores inspiradores, que habitualmente são lembrados em seus textos de opinião.

Há certos livros que conseguem filtrar múltiplas informações e percorrer os meandros de tão ampla produção literária, como é o caso da obra de Mia

Couto, constituindo-se como leitura orientadora de um projeto literário em franco desenvolvimento. Este é o caso do livro de Petar Petrov, *O projeto literário de Mia Couto*, onde se recuperam e desenvolvem comunicações publicadas em atas e revistas, dando-lhes novos contornos, na forma de capítulos de livros. Isso poderia levar a crer que seus conteúdos e perspectivas apresentam-se de modo fragmentado, mas não é o que acontece, pois o percurso estrutura-se pela focalização nos modelos narrativos do escritor moçambicano, propondo uma singularização do olhar para as influências de outras escritas perceptíveis na prosa miacoutiana.

A começar pelos contos, caminhando pela produção romanesca, sem deixar de lembrar de sua primeira atuação na poesia, Petrov costura uma reflexão sobre a contística moçambicana, percebendo que “o projeto literário de Mia Couto apresenta-se particularmente inovador pelo facto de evidenciar mudanças significativas no modo de representação da realidade nacional” (Petrov, 2014: 7). Em um contexto conturbado, Petrov analisa como os modelos foram sendo sobrepostos, conjugando diferentes olhares para a violência e o racismo, em moçambique. Para ele, o projeto literário do moçambicano viria como parte de uma revitalização da literatura local, com a promoção de vários autores após a publicação da revista *Charrua*.

A narrativa moçambicana aparece, portanto, sob o olhar de um crítico